

28 DE DEZEMBRO DE 2007
Diário do Minho

Este suplemento faz parte
da edição n.º 27997
de 28 de Dezembro de 2007,
do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido
separadamente.

Património



IGREJA
DA
MISERICÓRDIA
DE FÃO

Esposende

Textos e fotos:
Francisco de Assis



Introdução

Depois da arte e história castrejas representadas no "Castro de S. Lourenço" o último suplemento de 2007 é sobre a "Igreja da Misericórdia de Fão". Os aspectos das "obras da Misericórdia corporais" foram recentemente tratados no suplemento "Misericórdias". Além de local de culto, o templo está transformado num nicho de arte, numa bela conjugação de peças de arte móveis e imóveis. Aliás, não é por acaso que a igreja está integrada no Museu da Santa Casa da Misericórdia de Fão, bem conservado, diga-se. Sobre o museu falaremos no primeiro suplemento "Património" de 2008.

O interior da igreja da Misericórdia de Fão é uma agradável surpresa. Se o exterior não apresenta grandes motivos de admiração, o interior convida à oração, mas também à contemplação das belas peças de arte, feitas certamente por artistas divinamente inspirados.

Tal como em quase todas as Santas Casas, a Misericórdia de Fão também nasce em primeiro lugar como obra caritativa, para ajudar os mais necessitados material e espiritualmente.

A acção socio-caritativa da Misericórdia de Fão remonta aos finais do século XVI, quase um século após a fundação da casa-mãe, em Lisboa, por iniciativa e empenho da rainha santa, D. Leonor. A igreja só viria a ser construída no século XVII, com sucessivos melhoramentos.

Neste último suplemento de 2007, o *Diário do Minho* gostaria de desejar sinceros votos de um próspero ano de 2008, e que seja um bom ano também a nível do cuidado, preservação e divulgação do Património.

Misericórdia de Fão criada a pensar nos pobres e peregrinos de Santiago



> Misericórdia de Fão recebeu os mesmos privilégios da casa-mãe

Não há uma data precisa da fundação da Santa Casa da Misericórdia de Fão. No entanto, todos os documentos apontam para os finais do século XVI, numa altura em que, além dos muitos pobres existentes, à semelhança do que acontecia em todo o norte do país, por Fão passavam muitos peregrinos a caminho de Santiago de Compostela. Ainda em relação à data da fundação, a "Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura" apenas confirma que a Irmandade da Misericórdia organizou-se antes de 1600, e uma previsão régia concedeu-lhes «privilégios iguais à de Lisboa».

De facto, antes de nos concentrarmos na Santa Casa da Misericórdia de Fão, convém enquadrá-la no contexto da criação da casa-mãe, a Misericórdia de Lisboa, fundada a 15 de Agosto de 1498. Uma bendita e muito necessária iniciativa atribuída à rainha santa, D. Leonor, com o total apoio do rei D. Manuel I. Portugal vivia tempos conturbados a todos os níveis, principalmente em Lisboa. A azáfama da expansão marítima, da actividade portuária e comercial proporcionava um enorme afluxo de gente, uns à procura apenas de um trabalho para ganhar o sustento do dia-a-dia, outros à procura de muito mais, o enrique-

cimento. Por outro lado, os naufrágios e as batalhas também originavam grande número de viúvas e órfãos, pobres e pedintes, além dos encarcerados.

A situação nas ruas da capital era degradante, com doenças e toda a sorte de desgraça. E é neste contexto que a rainha D. Leonor, viúva de D. João II, vai instituir uma irmandade com a invocação a Nossa Senhora da Misericórdia, na Sé de Lisboa. O Compromisso originário da Misericórdia de Lisboa foi aprovado pelo rei D. Manuel I e depois confirmado pelo Papa Alexandre VI. E foi este documento que viria a facilitar a criação de outras Misericórdias por todo o país e nos territórios ultramarinos.

Em Fão, como escreveu Carlos Domingues da Venda Mariz, na sua publicação "A Santa Casa da Misericórdia de Fão - 4 séculos de história", em finais do século XVI não faltavam instituições, nomeadamente confrarias, para cuidar das obras da Misericórdia espirituais, isto é, ensinamentos ético-morais e orações a Deus e para os vivos e defuntos. «Faltava uma que dedicasse mais às obras de Misericórdias temporais, em especial dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, vestir os nus, dar pousada aos peregrinos, visitar os doentes (mais

propriamente assistir aos doentes) e enterrar os mortos».

Em Fão, os problemas eram muito menores do que aqueles que existiam em Lisboa. Mas nem por isso deixava de ser necessária uma instituição para cuidar daqueles que mais precisavam.

Necessidade ou competição com Esposende

Segundo os investigadores, por esta altura, os mais necessitados em Fão eram mesmo os muitos peregrinos em direcção a Santiago de Compostela, na Galiza.

Porém, independentemente das necessidades efectivas, tudo indica que o que mais motivou os fangueiros à criarem a Misericórdia terá sido a rivalidade com a então vila de Esposende. Diz Alberto Antunes de Abreu que, tendo Esposende a sua Misericórdia, Fão «nunca aceitou uma posição subalterna face à localidade rival».

Facto é que a maior parte dos peregrinos e clamores faziam a caminhada a pé e chegavam a Fão «com os pés doridos, em chagas e, por vezes, doentes».

Assim, de acordo com Carlos Domingues Mariz, «condoídos com a situação dos peregrinos e clamores, as pessoas mais abonadas de Fão, com o seu pároco, devem ter pen-

sado em criar uma Misericórdia em Fão para dar pousada aos peregrinos».

As primeiras reuniões para assumir o compromisso e angariar fundos para a Misericórdia terão acontecido em finais de 1500. Além do pároco, entre os benfeitores da causa sobressai Francisco Pires Casanova, pescador, lavrador e comerciante de Fão. Tudo indica que, inicialmente, funcionava como uma confraria, sem estatutos de Misericórdia, embora já praticassem o bem para com os mais necessitados, com destaque para os peregrinos de Santiago. Seguiu-se uma petição ao rei de Portugal, D. Filipe II. E a resposta chegou em 1603, como se pode constatar pelo alvará régio, constante no livro de "Privilégios da Câmara Municipal de Barcelos", citado na Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura. No documento, o monarca concede à Misericórdia de Fão os mesmos privilégios iguais aos da Misericórdia fundadora.

Como já vimos, a acção da confraria já se fazia sentir, tanto no apoio aos necessitados como também nas missas. O trabalho de Alberto Antunes de Abreu, publicado no livro "O arquivo e as origens da Santa Casa de Misericórdia de Fão" confirmam a actividade da instituição, antes do virar do século XVI.

Doações e missas perpétuas ajudaram a Misericórdia a crescer

Uma vez fundada e dotada de estatutos e privilégios régios, a recém-criada Misericórdia de Fão tinha todas as condições para se afirmar. Na base do crescimento estiveram, entre outros factores, as inúmeras missas perpétuas mandadas celebrar pelos fiéis, mas também as sucessivas doações de beneméritos, especialmente emigrantes que, em contrapartida, exigiam missas. O livro, "O Arquivo e as Origens da Santa Casa da Misericórdia de Fão", de Alberto Antunes de Abreu mostra que depressa a Misericórdia começou a receber doações. Curiosamente, a primeira benemérita conhecida tem nome de rainha, Leonor Pires que, em Fevereiro de 1600, doou um prédio rústico em testamento, para as necessidades da instituição.

No documento transcrito no livro "A Santa Casa da Misericórdia de Fão", pode ler-se que, em 5 de Fevereiro de 1600, Leonor Pires, de Fão, primeira mulher de António Gonçalves Carvalhal, fez testamento deixando à Misericórdia de Fão o Campo de Aguiam, na Alapela, actualmente um lugar em Fonte Boa. A condição exigida era que «todas as vezes que a Misericórdia sair para acompanhar algum defunto lhe digam os irmãos um Padre Nosso pela sua alma...». O testamento de Leonor Pires faz parte do espólio da casa. Aliás, é o mais antigo documento da instituição, tendo, por isso, um significado histórico e simbólico. Pode dizer-se que é a certidão de nascimento da Misericórdia. É certo que não diz a data da fundação, mas é o primeiro documento autenticado que confirma a sua existência. Por isso, em 2000, a Santa Casa comemorou 400 anos de vida.

Antes de 1600, já a instituição tinha contraído obrigação de mandar celebrar uma missa anual cantada, no primeiro domingo de Maio, no altar de Nossa Senhora do Rosário pela alma de Alvarez. Convém aqui ressaltar que o referido altar diz respeito à igreja matriz. A Misericórdia de Fão ainda não tinha igreja. Carlos Domingos Mariz dá conta da relação das missas feita antes do ano de 1600, referindo-se a uma Isabel Gomes e outra de Gracia Pires, irmã da já referida Leonor Pires. Ainda no início do século XVII, existe igualmente a referência a uma missa rezada, com três salmos e três lições, que custavam 50 reis.

Outras dádivas

Mais tarde, o Tombo de 1849 viria a confirmar que Afonso Alves tinha deixado à Misericórdia um foro anual de 40 reis (dois-vinténs) sobre



A Misericórdia de Fão exhibe escudo com armas da monarquia

as casas térreas que estavam à frente da porta principal da igreja matriz de Fão.

A "pauta das missas", ainda hoje existente na sacristia da igreja da Misericórdia, testemunha as encomendas de missas perpétuas bem como as ofertas. Numa delas pode ler-se o seguinte: «uma missa cantada no 1.º Domingo de Maio por alma de Afonso Alves».

O autor da publicação explica que 40 reis anuais para uma missa cantada é um legado que tem de ser do século XVI, «pois a verba é demasiado pequena». Nas anotações explicita que Afonso Alves era o capelão de S. Paio de Fão em 17 de Junho de 1549. Em 1629 encontramos uma série de doações. Além de uma leira de milho, Alberto de Abreu dá conta de uma doação na «bouça Redonda (aldeia de Paredes, freguesia de Apúlia), referindo-se a casas térreas e palheiros, e quinteiro, eira e uma vinha». Ao longo do século há uma série de doações. Destacamos a oferta de 500 mil reis por Cristóvão Álvares, emigrante fangeiro no Brasil, para esmolas de celebração de duas missas. De referir que a verba não veio em moedas, mas sim numa letra da parte de João Baptista Casado. Alberto Abreu chama a atenção, e com razão, do amadurecimento do sistema bancário brasileiro nessa época.



A "pauta das missas", na sacristia, confirma a antiguidade da Misericórdia



Na igreja havia muitas campas de beneméritos e irmãos

Recomendações de Lisboa extensíveis a Fão

Certamente por serem mais experientes, o provedor e os irmãos da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, com indicações da Casa Real, escrevem uma carta à Misericórdia

de Barcelos para ser transmitida «por cópias às outras Misericórdias da Câmara de Barcelos». Recorde-se que, à época, Esposende estava sob jurisdição de Barcelos.

Na missiva, recomendava-se que se não inovassem «cousa alguma e que os provedores da comarca não

tivessem nelas a jurisdição que se lhes dava no tomar das contas que porventura nasceria informações que se teria do procedimento de algumas partes não ser conforme ao que se deve ter nestas Santas Casas da Misericórdia», sobretudo que não respeitava o "Compromisso".

Igreja da Misericórdia tem origem no início século XVII

Tendo em conta o crescimento sustentado da Misericórdia, os fangueiros começaram a pensar em ter instalações próprias para as obras de misericórdia espirituais, ou seja, uma igreja. Até então, as devoções e promessas eram realizadas na matriz. Com o nascimento da Santa Casa ainda no século XVI, «impôs-se uma construção de uma igreja própria e instalações anexas, para a sede da nova irmandade. Isso possibilitava a maior independência e tornava mais fácil o cumprimento das obras de misericórdia espirituais e corporais, entre elas sepultar os mortos», explica Carlos Domingues da Venda Mariz, na publicação "A Santa Casa da Misericórdia de Fão". Efectivamente, não se pode esquecer que era tradição as sepulturas dentro da igreja. Nem todos tinham o privilégio. Mas os beneméritos desejavam, ou melhor, exigiam ser sepultados dentro das igrejas e, conforme a doação, dentro da capela-mor, como aliás veremos mais adiante. Os próprios irmãos tinham esse direito estatutário de serem enterrados dentro das igrejas. Isto é, além da óbvia necessidade de uma igreja, era quase uma exigência. Aqui, mais uma vez, não dispomos de uma data precisa do início da construção da igreja. No entanto, de acordo com o livro "O Arquivo e as Origens da Santa Casa da Misericórdia de Fão", de Alberto Antunes de Abreu, «é tradição local que se iniciou a construção da igreja da Misericórdia em 1600». As pistas do arranque das obras são-nos dadas pelos documentos testamentários ou simples escrituras de doações realizadas, algumas delas transcritas na publicação acima citada.

Carlos Alberto Domingues Venda Mariz refere que o início da construção do templo em 1600 está confirmado pelo facto de Maria Pires, viúva de Manuel Faria, com acordo do genro e filha, «haver doado à Misericórdia, em 16 de Janeiro de 1616, seis alqueires de pão de renda que lhe pagavam todos os anos na freguesia de Fonte Boa, com obrigação de uma missa anual por alma da doadora e seu marido "e lhe darão sepultura para ela ao tempo do falecimento"». A escritura da doação foi feita em Barcelos, no tabelião de Manuel Barbosa.

Ora, perante estes dados, Carlos Mariz acrescenta que é provável que por essa altura a capela já estivesse concluída e até aberta ao público. O corpo da igreja foi o primeiro ser construído, deixando a capela-mor para outra ocasião, certamente quando houvesse "patrocinador". «A igreja era baixa e



> A igreja teve várias remodelações ao longo dos tempos e tem na porta a data 1725

pequena. Ao longo dos tempos foi ampliada e modificada, incluindo a ampliação do resto da fachada», sustenta o autor de "A Santa Casa da Misericórdia de Fão - 4 séculos de história".

Remodelações em meados do século XVIII

É de forma intencional que estamos a "ignorar" a capela-mor. Será devidamente tratada na página seguinte. Na análise ao templo, Teotónio da Fonseca diz que a porta principal da igreja é do «estilo renascença». O que significa que não terá tido grandes mudanças desde a sua construção no início do século XVII. Durante essa centúria, não há notícias de grandes remodelações, embora as houve.

Segundo Carlos Mariz, em 1729, a Mesa da Misericórdia mandou «eivar todo o corpo da igreja, tudo o que pedir o frontespício na altura em que está, e por cima da parede em toda a roda se porá um papo de rola em que há-de assentar a telha». Foi por essa altura que se levantou também o arco cruzeiro. Convém

recordar que se falava de uma igreja baixa e certamente escura. Estando no século das luzes, era necessário mostrar a arte que por essa altura já existia no templo, além de dar mais altura, claridade e luz à igreja. Por outro lado, é referido um problema estético, em que o corpo da igreja «era muito baixo em proporção com o frontespício, o arco cruzeiro estava arruinado e o altar do Santo Cristo não tinha largura para se fazer a tribuna nem o retábulo. Era melhor fazer-se um arco para a parte da Senhora do Ó, já que desse lado se podia andar para a parede». A torre é uma construção de raiz, entre 1740 e 1750, de acordo com apontamentos do padre Manuel Leite Mariz, provedor em 1745/46. Informações confirmadas pelo Tombo. Supõe-se que terá sido colocado um relógio. Isto porque, há notícia de reparações em 1817 e 1863. Provavelmente por a reparação estar a ser complicada, em 1865, optou-se por um relógio novo e um sino maior, para proteger o relógio. As novas portas datam de 1781, conforme o acórdão de 5 de Agosto desse ano.



> A torre é uma construção do século XVIII, já com relógio



> A capela do Senhor dos Passos, com várias outras imagens

“PATROCINADORA” EXIGIU EXCLUSIVIDADE DE ENTERRAMENTO

Capela-mor foi concluída em meados do século XVII

A capela-mor da igreja da Misericórdia foi construída depois da conclusão do corpo do templo. Toda a informação recolhida aponta no sentido de ter sido paga exclusivamente por uma viúva, Madalena André, e concluída no segundo quartel do século XVII, mais precisamente em 1632.

O livro de Alberto Antunes de Abreu “O Arquivo e as Origens da Santa Casa da Misericórdia de Fão” tem sido uma das fontes mais citadas, principalmente pelo facto de revelar documentos originais. Aliás, trata-se de uma obra que merece ser lida não só pelos factos históricos, mas também pelas curiosidades, incluindo “guerras” de capelanias.

Citando também outras fontes, incluindo a de Alberto Antunes de Abreu, Carlos Domingues da Venda Mariz refere na publicação “A Santa Casa da Misericórdia de Fão – 4 séculos de história” que «a construção da capela-mor deve-se a Madalena André, que a doou à Misericórdia. É interessante referir-se que a capela-mor já estava pronta quando Madalena André fez a doação. A obra deve ter sido iniciada em 1631 e concluída em 1632».

Isto é, trata-se de uma obra realizada com relativa celeridade, o que comprova que não houve dificuldades financeiras na sua execução. Os documentos relevam uma petição do reitor de Fão, solicitando a autorização para se dizer missa na capela da Misericórdia. Na notícia, o padre André Vilas Boas, coadjutor do reitor de Fão, dizia: «fez-se na Misericórdia desde lugar de Fam uma capela maior [capela-mor] por dantes não haver a qual está perfeitamente acabada de todo o necessário assim de pedraria com todos os ornamentos necessários para se poder dizer missa nela e está a obra boa e decente por onde pode dar a licença para se dizer missa nela por estar perto do dia da festa a 2 deste mês».

Os argumentos pareceram convincentes e João Cardoso de Almeida, desembargador vigário geral na corte Arcebispal de Braga, respondia assim: «pela presente dou licença para que se possa dizer missa na capela da Santa Casa da Misericórdia novamente feita e nela se celebrarem os mais diversos officios, visto a informação atrás que do caso me foi dada que está decente, muito ornada e ornamentos necessários», expressou, num documento com data de 9 de Julho 1632.



> O trono da capela-mor, feita às custas de Madalena André



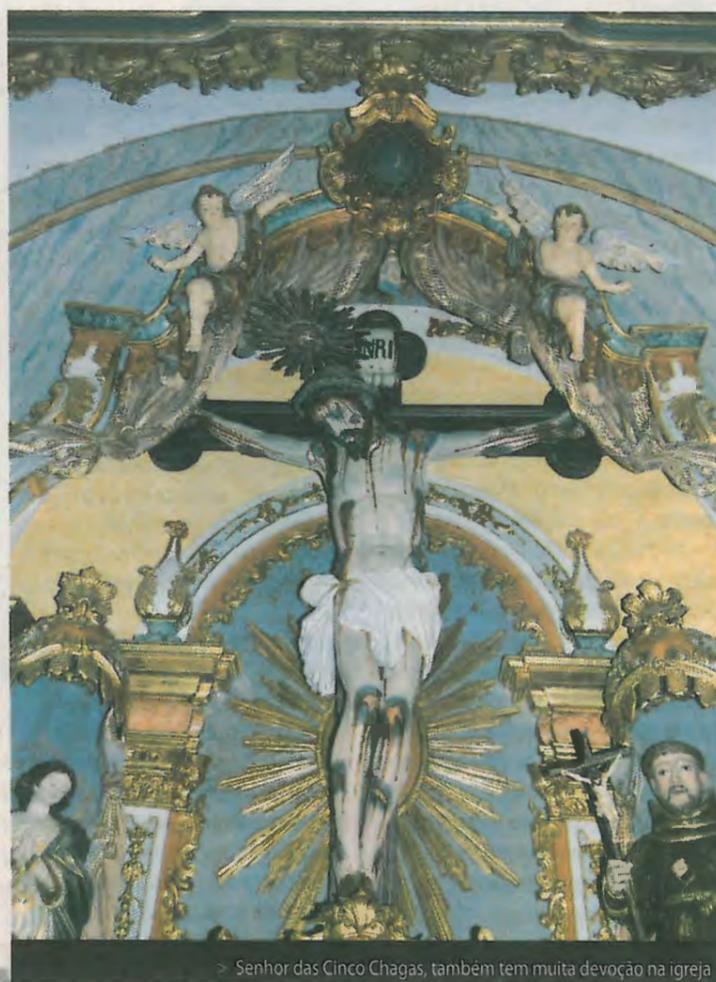
> O púlpito é hoje apenas uma peça decorativa

A doação aparece, por um lado, como uma necessidade, uma vez que a igreja precisava da capela e a Misericórdia de Fão era pobre e sem possibilidades para fazer uma obra daquela envergadura; por outro lado, foi uma oportunidade que a benemérita encontrou para se afirmar como a mais rica da localidade. Recorde-se que as Misericórdias davam prestígio social. Embora tenha dito que foi «por revelação de Deus».

Sepultura reservada na capela-mor

Mesmo sendo «revelação» divina, a doação tinha contrapartidas. Uma delas, provavelmente a mais importante, era ela e os herdeiros serem sepultados, em exclusivo, na capela; além, claro, das 40 missas por ano. De facto na capela está, hoje pouco visível, a seguinte inscrição: «esta capela mandou fazer à sua custa Madalena André Dona, viúva e seu filho Amador Francisco Chaves, mestre-escola de Cedofeita, para a sua sepultura e de seus herdeiros somente – ano de 1632». Entretanto, quase um século depois, entre outras carências da igreja no

seu todo, o lajeado da capela-mor estava em fracas condições. Por isso, a Santa Casa resolveu intervir e endireitar o chão. As informações da época dizem que o trabalho ficou bem feito. Contudo, herdeiros de Madalena André sentiram-se prejudicados e não tiveram com meias medidas. Frutuoso da Costa mandou partir as pedras, «desfizeram tudo sem respeito nenhum para à Casa de Deus», que escreve Carlos Mariz. Convém dizer este foi o acto mais grave, resultante de um conflito que já vinha de trás. A Mesa da Misericórdia recorreu a advogados. A situação ficou definitivamente resolvida em 1743 com um acordo entre os contendores. Frutuoso da Costa Almeida abdicou do direito de padroado da capela, reservando para si e descendentes direitos de sepultura. Embora fosse “natural” naquela altura, não deixamos de registar a atitude discriminatória de Frutuoso na questão das outras sepulturas onde não deviam ser enterradas «senão pessoas da maior qualidade». Ultrapassadas as divergências, a capela, que estava «indecente» foi significativamente melhorada e reinaugurada em 1741.



> Senhor das Cinco Chagas, também tem muita devoção na igreja

Interior da igreja espelha a arte e a essência do barroco

Depois de alguns anos a clamar por "misericórdia", de há cerca de 15 anos a esta parte, a igreja da Santa Casa da Misericórdia de Fão recuperou o seu brilho e esplendor com o bom restauro realizado. Trata-se de um templo, particularmente no interior, em que está espelhada não só a arte, mas sobretudo a essência do barroco, designadamente na questão cénica.

O historiador de Esposende, Manuel Albino Penteadado Neiva, analisa desta forma o templo e o seu enquadramento artístico e arquitectónico. «Estamos numa igreja pertencente a uma instituição que ao longo dos séculos procurou preservar e enriquecer o seu património. Podemos dizer que esta talha é tipicamente barroca. Enquadra-se na fase final de um barroco exagerado, quase que se podia dizer um rococó. Isto devido ao exagero dos panejamentos. A talha barroca caracteriza-se por um certa encenação e teatralização. Aqui, em qualquer uma destas sanefas, vemos os cortinados a correr, quase como uma boca de palco. Isto é, pode-se dizer que aqui temos o expoente máximo dessa teatralização do conceito barroco. Era uma igreja rica, com dinheiro e quase que procura fazer do culto um acto teatral no bom sentido. E tudo isto está representado: tem o panejamento, a boca de palco e tem toda uma noção teatral», explicou. Aliás, essa forma cénica está em todos os altares, quer o mor quer os laterais, o que se enquadra perfeitamente na simbologia barroca definida, incluindo a simetria.

Penteadado Neiva refere que é importante realçar as dificuldades e os maus momentos por que passaram a igreja, nomeadamente do ponto de vista da conservação, certamente por falta de meios ou outras razões. «Nos últimos 15 anos, as pessoas começaram a ter maior interesse e cuidado para com esse património», assegura.

Um interesse materializado no aproveitamento do programa nacional na recuperação do património cultural. Assim, a Santa Casa da Misericórdia contratualizou com o Instituto de Emprego e Formação Profissional, um curso de salvaguarda do património, dedicado essencialmente à recuperação da talha. «É de facto, se há cursos em que o dinheiro e a formação foram bem empregues, este é um deles. Eu sou crítico em relação a muitos destes cursos que só servem para sorver dinheiro. Mas aqui os resultados são visíveis. O curso teve êxito, recuperou toda a talha com muito cuidado, com o natural acompanhamento técnico. Salvaguardou um património ímpar desta vila e do concelho de Esposende em geral», disse, em jeito de elogio.



Na tribuna está toda a essência do mais puro barroco



Os altares laterais, onde está S. Francisco, também têm aspecto cénico

Igreja precisa sempre de "miminhos"

Norberto Mota, vice-provedor da Santa Casa da Misericórdia de Fão, também recordou o tempo em que a igreja estava bastante degradada, motivando a tal candidatura com o projecto de restauro e talha. «Foi um restauro completo: as imagens, a talha em madeira, douramento, paredes enfim tudo. Estivemos acompanhados de técnicos e, tentamos recuperar aquilo que era original, dentro do possível», afirmou. Este responsável fala também, com entusiasmo, do facto da Santa Casa ter aproveitado os melhores alunos do curso para formar uma empresa de inserção que vai garantindo não só que continuam a fazer a manutenção da igreja, que precisa sempre de "miminhos", mas também de imagens de outras instituições. De facto, a Santa Casa pretende enriquecer o seu espólio em exposição. Por isso, já solicitou a outras igrejas que tenham peças pouco aproveitadas, no sentido de as emprestar para serem recuperadas e colocadas no museu. «É uma forma de valorizar as imagens e o museu, ao mesmo tempo que são mostradas ao público», explicou Norberto Mota.



Aspecto dos panejamentos assemelham-se a uma boca de palco

Uma das telas mais valiosas da igreja é a da Misericórdia. Durante muito tempo estive num local mais nobre, no altar-mor. Não se põe em causa o valor da peça, mas estava lá sobretudo para esconder

o altar que estava completamente degradado. O vice-provedor da Santa Casa realça ainda a recuperação do andar que só sai nas grandes procissões. «Foi um restauro caríssimo, mas

valeu a pena», considera. O templo está permanentemente aberto, até porque funciona como parte do museu, é muito visitado principalmente no Verão. Aos domingos celebra-se a eucaristia.

Misericórdia de Fão apresenta valiosa e diversificada estatuária

O valor patrimonial de um templo ou de um monumento, seja de que área for, mede-se, entre outros aspectos, pela qualidade arquitectónica, pela antiguidade, pela história, mas também pelas peças artísticas de que dispõe. Consideramos que a igreja da Misericórdia de Fão é um nicho de arte, também pela valiosa e diversificada da estatuária que apresenta.

Uma das imagens mais curiosas desta igreja, aqui sem qualquer avaliação valorativa, é a da Senhora do Leite. «Se há dúvidas em relação à iconografia de algumas imagens, esta ninguém as tem. Vê-se Maria de uma forma muito descontraída, diria mesmo quase que ingénuo, a amamentar o Menino. É de feitura popular, mas de grande devoção das gentes de Fão. As grandes devoções aqui eram S. José e Santa Luzia, mas a Senhora do Leite vinha logo a seguir», refere Albino Penteado Neiva.

Esta imagem fez parte da bem sucedida exposição "Com Paixão – a Virgem e as Santas Mulheres", realizada no Museu d'Arte de Esposende. No catálogo da mostra, Maria Cristina Osswald reforça a importância da imagem, que até já esteve na capela-mor. Esta responsável acrescenta ainda que a imagem poderá ter sido uma encomenda da Santa Casa ao pintor António Saragoça, em 1838.

Outra das imagens de relevo, esta sim de muito valor em todos os aspectos, é a de Nossa Senhora da Conceição ou da Imaculada Conceição, provavelmente do século XVIII. Na análise à imagem, que obviamente também fez parte da referida exposição, Maria de Lurdes Rufino e Fernanda Ferreira Barbosa fazem o enquadramento histórico e litúrgico da consagração da Imaculada Conceição. No entanto, referem «é a arte barroca do século XVII, sobretudo com o estímulo da Contra-Reforma, que tem o mérito de produzir o modelo definitivo da Imaculada Conceição. Assim livre de todos os símbolos das Litanias [ladainhas], aparece apenas rodeada pelos anjos, sobre o crescente lunar. Às vezes, para recordar a sua vitória sobre o pecado original, os seus pés que se apoiam sobre o globo, esmagam a cabeça da serpente».

Penteado Neiva explica que o símbolo do crescente lunar representa o Oriente, de onde vinha o mal, os muçulmanos. «Os cristãos venceram o mal. É a vitória dos cristãos sobre os mouros».

Senhora da Misericórdia e outras imagens

Outras das peças de grande sim-



> Imagem da Senhora do Leite, em pose ternurenta e descontraída

bolismo é a tela de Nossa Senhora da Misericórdia, actualmente à entrada da igreja. Trata-se de uma imagem de grande valor artístico e sentimental, ou não representasse a padroeira da igreja e da Santa Casa da Misericórdia. Também esteve na exposição "A Virgem e as Santas Mulheres". Baseada tanto no livro de Carlos Mariz como no de Alberto Antunes de Abreu, Cristina Osswald diz que é uma pintura do bracarense António Monteiro, colocada na igreja no dia 8 de Dezembro de 1749, dia da Imaculada Conceição. Custou vinte mil reis. Além de bela, serviu para esconder a degradada tribuna. Na recente intervenção, foi recuperada e deixou o trono mas não perdeu importância.

É também interessante olhar com atenção a imagem de S. José não o carpinteiro, não o pai da Família de Nazaré, mas de botas, como que preparado para uma grande caminhada, interpretação nossa. Numa altura em que estamos a celebrar o Natal, é impossível dissociar a indumentária à fuga da Sagrada Família para o Egipto.

O historiador Penteado Neiva recorda que o trabalho dos escultores deve ser enquadrado na sua época e no pensamento teológico do momento, lembrando que houve alturas em que só Cristo é que podia aparecer descalço. «Certamente como sinal de pobreza, desprendimento, de dádiva e humildade», nota.

Entre várias outras imagens de Santas Mulheres que enchem a igreja, vale a pena sublinhar a de Santa Luzia, protectora dos olhos, sendo por isso de grande devoção; Nossa Senhora do Carmo, uma pintura que deverá ter sido colocada em 31 de Maio de 1761, em cumprimento de uma promessa; e a de Santa Efigénia, virgem e mártir, provavelmente da Etiópia, despertando curiosidade por ser negra. Está no altar do Senhor dos Passos.

Em 1684 foi instituída em Fão a Ordem Terceira de S. Francisco de Assis. E a imagem, de boa qualidade, está em lugar de destaque na igreja, ou não fosse S. Francisco um símbolo da solidariedade, do amor e dedicação ao próximo.



> Tela da Senhora da Misericórdia esteve a esconder a degradação da tribuna



> Imaculada Conceição, iconograficamente a vitória do bem sobre o mal



> Imagem de Santa Luzia, virgem e mártir, celebrada a 13 de Dezembro. Apresenta dois olhos numa bandeja e a palma, símbolo do seu martírio. É a santa protectora dos olhos. Tem grande devoção em Fão.



> Pormenor do altar-mor da igreja da Misericórdia de Fão em que é visível o panejamento semelhante a uma boca de cena. Além da arte, o barroco tem também um aspecto teatral evidenciando o exagero



> Esta imagem de S. José é curiosa. O pai adoptivo de Cristo é apresentado de botas de cano alto, o que não é habitual. Em tempo de Natal é indissociável com a caminhada que fez em fuga para o Egipto



> Imagem da Senhora do Carmo, no arco cruzeiro. Aparece na Igreja da Misericórdia em 1761, como cumprimento do testamento de António Leite de Sousa. Fez parte da exposição "Com-paixão, a Virgem e as Santas Mulheres".



> Uma das imagens que dão as boas-vindas aos fiéis e visitantes da igreja da Misericórdia de Fão. A tela representa a visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel, mãe de João Baptista. Ao lado os respectivos maridos, S. José e S. Joaquim. Pintura antiga ou repintura do século XIX



> Na capela do Senhor dos Passos, está a imagem de Santa Efigénia, virgem e mártir etíope. A par da Senhora Aparecida, é das poucas imagens negras com devoção na Europa e principalmente no Brasil